



É natural que haja uma expectativa quanto ao conteúdo deste tema. Não quero anisar desde já, e/ou não vou colocar uma perspectiva de estas técnicas e políticas da Seg. Social.

Primeiro, porque entendendo que eu própria não estou a par da evolução no seu domínio, nos últimos 3 anos, e em 2º lugar, porque os princípios e os valores fundamentais, relativos à Seg. Social julgo tê-los exprimidos, de certo modo, quer em Outubro de 82, no programa de acção do Ministério dos Assuntos Sociais, quer no programa do 5.º fórum institucional. Entretanto, não são referências que eu não tenho interesse nem mesmo ir repelir, até porque já estou contra, já tenho uma perspectiva diferente!...

Fundação Cuidar o Futuro



Há princípios que considero válidos e considero permanentes, mas que me lesam, justamente porque são princípios e valores, que me lesam porque a equacionar as questões, de modo diverso. Não é justamente esse equacionar que eu gostaria de referir. Indubitavelmente que há uma razão subjacente também, e/ou tudo isto, é que a afirmação dos grandes princípios e dos grandes valores que estão na base do que se chama Seg. Social estão consignados nos artigos da nossa Constituição, que dizem respeito aos direitos e aos deveres sociais dos cidadãos e têm sido depois,

completado pela legislação adequada. Há aí todas, podemos dizer, na bemenentia (?) da constituição, q/ me parece fundamental analisar, porque vamos ver o q/ cabe no direito e deveres sociais. Temos qualquer coisa de muito + amplo do q/ aquilo q/ tradicionalmente chamamos o esquema de "Seg. Social." É como temos essas referências, dadas por adquiridas. Talvez ao longo da minha exposição vou a referir tema da minha coisa q/ me parece + importante, mas tentarei sobretudo fazer tema reflexões q/ não deixo deliberadamente inacabada, suspensa com reticências, em muitos momentos porque quero mais dar em ta de interrogações q/ tema do q/ de certeza as minhas. Porque penso q/ ao considerarem-me a para tema repetir o q/ está dito, tema tema, tema o papel da Seg. Social processo de desenvolvimento. Isto significa q/ tema diante de nós, pelo tema e tema reflexões. tema q/ nos perguntar de q/ falamos quando dizemos "Seg. Social": o q/ é q/ entendemos por isso? No 2.º lugar, tema q/ nos perguntar "o q/ significa hoje, a nível ou quase nível já da 3.ª estratégia internacional de desenvolvimento das bases dadas, a expressar "processo" de desenvolvimento? Não é só no nível em q/ podemos equacionar tema tema, estes 2 tema q/ nós podemos, tema, voltar de novo ao conjunto da reflexões q/ nos é proposta, com a tentativa de pôr em evidência



Fundação Cuidar o Futuro

11

a relação dos termos "Seg. Social" e "Processo de Desenvolvimento", para nos perguntarmos (e aqui, sublinho muitas interrogações) será q/ Seg. Social é um meio para o desenvolvimento? Ou será q/ a Seg. Social é um dos fins de desenvolvimento? No toda a reflexão q/ vou tentar desenvolver, têm como pano de fundo estas interrogações q/ abra- daremos e a q/ digo, desde já: "mal dou resposta", vou deixá-las como interrogações.

No feitura 1.º do termo "desenvolvimento", não é claro q/ vou dizer algumas coisas q/ são conhe- cidas de muita gente, mas q/ talvez valha a pena sublinhar, para termos o mesmo quadro de efe- ciência. Já, quando fiz uma exegese (?) de um termo, gosto muito de ir a um dicioná- rio para ver se q/ é q/ os termos significam, na sua aceção mais imediata, mais correta e transversal. No, quando na palavra "desen- volvimento" via em 3 dicionários da Língua Portuguesa e encontro "desenvolvimento" como equi- valendo a "o acto de des-entolher", quer dizer, é o processo inverso de "entelhar" e "o acto em- trário de desenvolvimento de que", "de quem", "que", "quem", são interrogações q/ também ficam em suspensão. No desarticular aquilo q/ esteve em esta- leceridade; é de algum modo, anular o este- lecer das coisas; é revelar aquilo q/ se esconde; portanto, há aqui um 1.º significado de desen- volvimento q/ é profundamente psicológico, socio- lógico, etc. antes de ser uma expressão



fontes contábeis sócio-econômicas, para nos dizer
econômicas e outros esquemas e seu sentido
mentalidades. Não é com esta ideia de q/ desenvolvimento
é retirar o envelope e auxiliar esse as-
pecto envolvente, é trazer alguma coisa à sua
superfície, é revelar algo q/ podemos andar, ra-
riss etapas de desenvolvimento e o seu significado.
Não se refere essas etapas, por uma questão de
exigência, a q/uf queria elaborar didática,
mas sim o de respeito pela história.

Considero q/ as etapas ultrapassadas, mas q/
no entanto, estas ainda a precionar vivamen-
te, não só em termos camadas das populações em
geral e também em termos de decisões de ordem polí-
tica e da gestão política das coisas.

A 1.ª etapa de desenvolvimento, podemos dizer
q/ é uma etapa Fundação do Cuidar o Futuro e q/ 2 pontos de
partida: uma, valorização dos recursos do pai-
ses do Hemisfério-Est, q/ estas (uf) apareceriam
como Hemisfério-Est, mas em caso eram os
colônias e os países em busca independência
econômica. Podemos dizer q/ foi a valorização dos re-
cursos q/ se resumiram, no ano 50 em Basil
d'wig e a partir dos quais começou a ser e
no mundo, uma certa corrente de pensar.
to, quanto à valorização desses recursos.

Tem outra origem q/ não na designada
seu desenvolvimento, mas q/ no entanto, tem
todas essas características dessa etapa eco-
nômica, q/ é a recuperação (excluído na Europa)



dos países afectados pela 2ª guerra mundial, III
essa recuperação do pós-guerra tem claramente
um contributo para a reversão de desenvolvimento.
Os 2 países em 9/0 desenvolvimento começa com
expressões organizadas e claras, são para a Índia,
está logo no início da independência e para
aí ainda, enquanto colónias ou territórios
de administração britânica, mas isso nas
9/1 tinha começado por essa altura, um
processo de reflexões sobre o desenvolvimento.
Qual é o critério decisivo dessa etapa decisiva
ca do desenvolvimento? Não um critério, de facto,
exclusivamente económicos. No período de 9/anos
seja. Há, nessa altura, a consciência de guerra
parte importante (falava-se na altura, em 2/3,
3/5 da burocracia) tinha condições funda-
mentais. Portanto, aparência crescimento como
a grande taliza de todos os processos de desen-
volvimento. Aparecia como taliza, de tal mane-
ra, 9/0 desenvolvimento funcionou como o cresci-
mento económico, como um fundamento, ou
como hoje dizem, e como a escola do pensa-
mento de laureia actual, refere como "o para-
digma do crescimento económico". Não, de facto,
digna do crescimento económico. Não, de facto,
o paradigma 9/ atravessa os anos 50 e 60, e 9/
só a partir do ano 70 começa a ser quesio-
nado e a ser, de algum modo, interpretado
na sua fundamentação. Se o crescimento económi-
co, é nessa altura o 'paradigma fundamental',
evidentemente 9/0 desenvolvimento é, nessa al-
tura, definido a partir de indicadores e de taxas



Fundação Cuidar o Futuro

de desenvolvimento económico. Não a fase do produto interno bruto, do rendimento "per capita", das taxas de alfabetismo, da cobertura médica, de todos os indicadores q/ correspondem à maior ou menor satisfação das necessidades básicas.

Não é claro q/, ao preferir esta etapa económica, com estes indicadores e taxas, evidentemente que não está de modo nenhum, a dizer q/ usará políticas importantes. Apenas está a dizer q/ esse era o aspecto + directo e + claro do processo de desenvolvimento. Mas, já no fim da 1.ª década de desenvolvimento, da 1.ª estratégia internacional, e da conta internacional do seu futuro e então, já aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas, a 2.ª estratégia internacional de desenvolvimento, não é unânime, e quando estava a pensar no q/ hoje viria dizer, foi justamente nesse contexto da Associação Internacional do S. Social, num colóquio Luso-Brasileiro, realizado aqui em Lisboa, em 1972, q/ tive ocasião de fazer uma referência muito + longa do q/ aquilo q/ disse até agora, sobre as várias etapas do desenvolvimento, e sobretudo, sobre aquilo q/ já em 1972, era considerado como o caso rotundo das estratégias internacionais de desenvolvimento.

A 2.ª estratégia foi, em termos de resultados, ainda pior do que a 1.ª e estamos na 3.ª estratégia internacional do desenvolvimento, cuja estrutura foi muito avalada, pela crítica de alguns sectores socio-profissionais, como foi, por

Fundação Cuidar o Futuro





exemplo, a Associação Internacional do Social, quer de outras organizações nas reuniões, como de alguns Estados membros das comissões mundiais. No 1980, quando estava a decorrer a 1.ª Sessão Geral Extraordinária das Comissões Mundiais, para actualizar o texto da estratégia (da 3.ª estratégia de desenvolvimento dos anos 80), o Secretariado Geral das Comissões Mundiais reuniu 9/se para avaliar o trabalho de preparação da Conferência Mundial das Mulheres, emopenhague, com perspectivas inteiramente novas, relativamente à visibilidade de indícios e de estas aspectos da vida, tidos até aí, como quantificáveis; o Secretário Geral sentiu a necessidade de fazer cruzar, de alguns aspectos, os 2 processos. No tipo ocasiões de presidir, estas, a uma vez adida em hora longa, em 9/ se tentou elaborar o 9/ se uma apresentar da doce- rentação existente, em quanto 9/ a situação das mulheres relativa quanto às condições em 9/ se inseriam e quanto aos paradigmas mundia reunidos - o 9/se uma alternativa para uma estratégia internacional do desenvolvimento. Acertou, simplesmente, e 9/a nível internacional, os estados us são diferentes dáqui lo 9/ são dentro das suas fronteiras; acertou e 9/ esse relatório, 9/ circula destinadamente nas Comissões, acabou por uma vez à luz do dia, em terno após, e em breve foram pelos Comissões e justamente estive com Secretários gerais Adjuntos para estas questões, fiz a tentativa de

Saber o q/ tmba assenteado ao documento, (evi-
dentem q/ tmba uma cópia) e pi- me sempre
dito "Sabe vsera opatens ... era uma profunda
transparência das estruturas, das mentalidades e
portanto (q/ na opatens se vier propôr - claro q/ ai
há uma crítica fundamental - evidentemente, o
Secretário geral estava para ser recebido e não po-
dia introduzir, internacionalm, uma coisa q/
ia saudir as usmas adquiridas e o conforto,
viudo dos delegados já habituados a p...
de certa maneira.



Nessa altura, presidia a uma mesa
em q/ estavam 3 bancas do Banco Mundial
em q/ houve, portanto, uma contribuição muito
clara de economistas de 1.º plano, os quais esta-
vam inteiramente de acordo, fra das estruturas
em q/ habitualm, p...
Novo tipo de estratégia do desenvolvimento, dife-
rente da estratégia adoptada. Estamos numa fase
de estrangulamento em termos das instituições
internacionais. Há uma etapa social de desen-
volvimento q/ é muito anterior a esta crítica,
e pode dizer-se q/ ela é quase, em termos de
realidade, não é nada em termos de projectos de
plano de fomento nacionais, e das estratégias
internacionais; pode dizer-se q/ essa etapa social
do desenvolvimento foi quase coincidente e o
próprio início da utilização do termo "desen-
volvimento". Porquê? O verbo debte ser o ter-
mo "país desenvolvido", "país sub-desenvolvido", deve

Vinha imediatamente à superfície. A verificação: 1.º - dizia - e "usa deve chamar país subdesenvolvido, mas sim, país em via de desenvolvimento e quando se verifica 9/10 países em via de desenvolvimento 1/10 países desenvolvidos e 9/10 países chamados em via de desenvolvimento, 1/10 países em via de desenvolvimento (?) evidentemente 9/10 ao nível concreto, as pessoas acabam por se dizer "mas isto não tem sentido". Isto vai ter longe, 9/10 numa conversa que tive (logo após o governo constitucional) com o directr do F.M.I. em Washington, e que 9/10 explicara em própria 1.ª ter aceite, nessa altura, a visita dos técnicos do F.M.I. tivemos uma longa conversa, e ele compreendo algumas das razões 9/10 estas daí, (deu em termos intransigentemente gratuitos apenas para manter uma porta aberta e um contacto directo com uma das razões seu equívoco "pois é", vinha na. e' 9/10 quando a gente olha em termos financeiros para os países, a gente pode pensar 9/10 há países em desenvolvimento, (em um aqui, quase quotidianamente, em Washington), a recepção e vejo qualquer país, seja ele qual for a dar grandes recepções 9/10 custam milhões vezes, milhões centenas de contos (e quando se trata por exemplo assim: "curioso, estou numa recepção de um país 9/10 financeiramente existente; financeiramente, e' uma entidade, conversamos o 20 ou 30, tal país 9/10 em Abril de 1980, nome países nos desenvolvidos já, financeiramente. Ora se de estas alturas, o deficit externo, na maior parte dos países, usou



Fundação Cuidar o Futuro

de uma forma absolutamente assustadora, eu não sei como é que o outro sr. o sr. Larrivier como é que ele, neste momento, vê o mundo. Não sei para aí, meia dúzia de países, os 9/10 das á frente do pelotas, como existindo e os outros como saídas ficaram. Houve um episódio muito recente; após a nacionalização da Banca no Bélgica, houve um momento em que todo o sistema monetário internacional esteve à beira da ruína, a beira da catástrofe completamente radical e apenas foi evitada porque, casualmente, no fim de semana em que isto se estava a processar, os 3 bancos do circuito deste circuito, por acaso, não tinham conseguido encontrar-se através do telefone, para poder fazer a operação. O encontro a partir de um banco na Suíça, a operação foi mantida, apesar de tudo o sistema monetário internacional, ainda of uma certa possibilidade de respirar; vou-me manter ao texto por aqui a pouco estou a cortar tudo o que peço de aqui a Te se chega lá!

Estávamos pois, na etapa social do desestruturamento. Aparece nessa altura já, o desestruturamento monetário enquanto fórmula consagrada, é uma expressão da etapa social do desestruturamento, e também é a interpretação do conceito de desestruturamento, na planificação global dos Estados. Isto é muito importante porque, por ex: em Integral, nós temos

Fundação Cuidar o Futuro



Os ramos exigem sair da dificuldade
permanente em q/ os entendamos, sem enten-
dermos o q/ isto quer significar. Há termos na
constituição, obrigatoriedade de um plano, um
plano. Estamos a ver seu plano, e estamos a ver
e isto é fundamental, o q/ dita a hora política
do desenvolvimento, e a estrutura do orçamento
do estado. Que é sua estrutura, q/ vem de 1933.
Entanto, cada governo, o q/ faz é de acordo (+ vir-
gula, mais vírgula) + casa decimal, menos casa
decimal) tentar afeitar-se ao nível da gestão,
a esse enquadramento, q/ não é só um enqua-
dramento formal, é um enquadramento conceptual
de D. J. E., q/ vem de muitas décadas atrás.



Fundação Cuidar o Futuro

Está a julgar um regime, nem nada disso,
a dizer "de décadas atrás". Quando se
é possível, e seu termo de desenvolvimento,
uma gestão viável, é aquela q/ estabelece grandes
objectivos, grandes linhas, e a isso se chama pla-
no, e depois estabelece fatis disso, fatis anuais,
q/ são programas e esses programas é o seu ora-
mento. Há no estado a fazer exactamente o
contrário. Anterior do orçamento, e dos limites q/
o orçamento dá. Entanto, a acção política de
topo, q/ pode, apesar das modificações estrutu-
rais q/ escasseiam no nosso país, q/ pode dei-
xar de se circunscrever, a fase final do ora-
mento, a sua luta entre departamentos de estado
para ver quem puxa +, ou quem puxa mais

0,5 para o seu bem-estar, e é tudo.

Entanto, o desenvolvimento ~~ou~~ ^{assim} conduzido, e
o desenvolvimento ~~ou~~ ^{ou} ~~quer~~ ^{quer} dizer, ~~ou~~ ^{ou} ~~for~~ ^{for}
podemos a ter e viver, mas é dos milhões
anos. No entanto, quando não estava na las-
titude. Vivemos num plano de fomento, quando
está na constituição nas terras num plano de
fomento. Mas sei a isto e a na lactitudade, fa-
zemos andar sempre fora de lá.

Mas o q/ é facto e q/ estamos num sistema de
incongruência q/ de facto leva a acção política
de topo, a tomar-se numa mera gestão. No entanto,
to, a não poder quase, quase que do ponto de vista,
conceitual, na um poder quase propor a alterna-
tiva e a limitar-se a uma alternância, o q/ tem
as repercussões q/ conduzem ao nível da atuação
das necessidades das populações. Fundação Cuidar o Futuro



Mas na etapa social do desenvolvimento,
tem-se o paradigma fundamental, e paradigma
de crescimento económico, aparecendo, no entanto,
a dimensão social quer com seu aspecto
de crescimento económico, quer com o seu cor-
redio. Paralelamente, nessa altura apresentam-se
os indicadores sociais. É evidente q/ através disso
e já repor sofisticadamente, há uma paragem do
desenvolvimento medido como processo nacional, ou
seu o conjunto de metas nacionais, para o de-
seu desenvolvimento, como uma perspectiva mundial e
por isso é q/ existem e existem, as estratégias
internacionais de desenvolvimento.



Mas é através disso, também e por isso, apesar de fazer uma crítica muito forte, às estratégias internacionais, não quero deixar de dizer q/sas q/sas põem a mi aquilo q/ se tornou um problema intenso e cada vez maior no mundo, q/ é a questão do diálogo Norte/Sul, ou de confronto Norte/Sul, q/ de certa maneira abrange, principalmente a partir de 1974, abrange a questão do desenvolvimento como q/a e de, mas ao mesmo tempo, a vai enriquecer. Quando digo q/a e de, é porque estando a funcionar em 1974, a 2.ª estratégia Internacional de D., os Estados dos movimentos dos países não alinhados, decidem reunir-se numa Assembleia Geral extraordinária, em U. Unidas, q/ deu origem em Junho de 74, onde fizemos uma declaração relativa à nova ordem económica internacional, e onde fizemos uma carta do direito e deveres dos Estados, em matéria relativa à nova ordem internacional q/ acata por ser aprovada pelas U. Unidas em Janeiro/75. E nesse sentido, também podemos dizer q/o paradigma do desenvolvimento" se mantém, mas desde há já em modelos, e porque apesar de tudo, o estabelecimento ou as declarações relativas à nova ordem económica internacional, porque o conjunto de textos, a ideia de q/ há modelos, de q/ há padrões; há modelos macro-sociais e macro-económicos, existentes nestes locais ou naquele q/ se vai impor através não só do sistema internacional, como através das

elites dos próprios países pobres. Porque também, quer ao nível internacional, quer ao nível inter-pessoal, a submissão tem sempre a característica daqueles q/sas sujeitos, no sentido de subditos e dominados.

Uma escola ao mesmo tempo e sobretudo a partir de 74, começa a desenvolver-se seu gabinete de Estudos, seu trabalho de base, e suas algumas funções das & Unidas, começa a desenvolver, a aparecer com umito mais forte a ideia de Desembr. auto-entidade, ou caso se dig' em ca- las das & Unidas o "desembr./endogeneo", a par- tir de valores, das riquezas e dos recursos, e das modelos culturais existentes em cada espaço, e necessariamente portanto seu desenvol- vimento pluriforme, q/ seguir os mes- mos caminhos q/ seguiram outros países. Posso dizer q/ essa foi talvez seu principal, em 74, a pres- pectiva de algumas pessoas, q/ nesse assien- case seu 1.º significado q/ procurarem qual- do diziam (talvez de uma forma um pouco ingenua) "q/ queríamos encontrar uma via original para a sociedade portuguesa, não estavam a ~~querer~~ pensar em qualquer sistema ideológico, era exactamente isto: en- tentar encontrar seu caminho p.ºo desu- vtr/ q/ fosse fiel aos valores, às tradições e aos processos q/ se estavam a desenvolver e q/ se insbassem a desenvolver na sociedade portuguesa





Não devo dizer q/ dentro dessas pessoas, eu encontrei, até pelas próprias condições, me encontrava em 7/1/75, encontrei, de modo que entre os trabalhadores de serviço social, encontrei uma sensibilidade maior a esta questão socio-profissional. Justamente, pela experiência e muito provavelmente por aquilo q/ me parece típico entre os trabalhadores de S. Social, q/ é a compreensão de q/ se passa no seio da sociedade e uma política de educação q/ n/ reduz os fenômenos a uma mera expressão capaz de enquadrar numa ideologia ou outra, mas q/ permite q/ haja um ultra-passar dessas ideologias. No caso isto, chegamos a uma fase em q/ digo: estas o Deserol/ o q/ é? O q/ é q/ eu refiro ao fazer uma crítica tá serena. Digo q/ o Deserol/ não é o puro crescimento econômico, mas o processo de mudanças estruturais, não é a aplicação de receitas universais, o Deserol/ não é a repetição de modelos sociais, quer dentro países, quer de manual, o Deserol/ não é um sucedâneo de transformações ou de reduções atotadas. Estas, o Deserol/ seria o quê? Seria a descoberta de novas fontes de riqueza e de controle, de um processo econômico desenvolvido, seria a criação de atividades destinadas a produzir bens e serviços em significado social. Seria a expressão de identidade cultural do povo, seria a representação coletiva pelo seu estar de cada um e de todos, seria a capacidade de construir o universal, a partir do particular, seria a explicitação

taças da originalidade própria num modelo de
sociedade q/so' e' definível à medida q/ra vai
construindo. No entanto + tarde a esta ideia, de um
delo de sociedade q/ não existe à priori, mas q/so
existe à medida q/ra vai existir. So se pode definir
desta forma; o desenvolvimento assim conhecido e' já, em
termos conceituais, numa propiedade nublada.
No uso mesmo a palavra evoluir, no sentido
de uma transformação radical. Processo - de, nessa
altura, com o desenvolvimento endógeno, ou auto-centra-
do, como q/ uma inter-penetração ou quase pe-
nas da vocação de desenvolvimento da base de cultura
e da própria natureza de q/ e' a integração da socie-
dade na tecnologia. Ou aquilo a q/ alíngua soció-
lógica chamavam a "teoria naturalista". Portanto, uma
natureza já toda ela transformada e já
ativada através da ciência.

Fundação Cuidar o Futuro



Hoje, eu tenderia a dizer q/a democracia e
o desenvolvimento são 2 lados do mesmo fenómeno.
Que o desenvolvimento hoje não e' qualquer coisa numa
sociedade para a qual existem receitas e q/
se realiza através de especialistas, mas o desenvolvimento
e' outro lado da democracia. São 2 virtudes
e são elas q/ se interpenetram, tornando-se mu-
tuamente possíveis; o q/ e' q/ isto quer dizer?
Que não há soluções para os problemas econó-
micos e sociais, se não através de um projecto
político, mas também q/ há a possibilidade
de um projecto político - democrático, viável,
sem q/ simultaneamente se vá criando novos

modelos sociais e econômicos. Ora, o que é o IX
isto que dizer? Se está a globalizar tanto, como
é o que quero chegar?

Quero chegar a aquilo, que todo o pensamento con-
temporâneo, tanto no Hemisfério-Sul, como no
Hemisfério-Norte, tem vindo a dizer que o processo
de desenvolvimento é o processo da sociedade que
se cria a si própria, produzindo-se a si pró-
pria constantemente? Há muitos anos, um dos
primeiros do conceito de desenvolvimento, de uma forma
global, que foi o padre Leake da equipa de eco-
nomia e humanismo dizia: o desenvolvimento é a ca-
pacidade que tem uma sociedade de fazer por
de forma criadora, a sua própria evolução his-
tórica. No fundo, é dizer, o desenvolvimento é um pro-
cesso dinâmico. Fundação Cuidar o Futuro
o paradigma de crescimento econômico, para
ser uma aposta na responsabilidade individual
e na solidariedade como motores do próprio
processo social, tanto motores dessa geração
ou gestação, que a sociedade faz de si própria.
Isto significa metodologicamente: nos trabalhos
debo definidos a priori; se é necessário esta-
belecer um plano, o plano faz-se por aproxima-
ções sucessivas e por aquilo que se chama as
constantes reiterações (que dizer, o voltar atrás
constantemente para verificar os dados adqui-
dos) reiterações que têm necessariamente como in-
tervenientes, os grupos e as comunidades de in-
teresse. Os cidadãos e os grupos e as associa-

coisas em q/ estas estruturados os digitos técnicos
à quem cabe a fundamentar e a execução do pla-
no, adequando-a a exigências e gestões de ca-
da momento. Entretanto, este é um dos pontos da
nova reflexão; o outro ponto é a def. social e
em visões de início q/ não iria falar de sistemas
de S. Social, porque queria começar + atrás. Por
quando falamos em S. Social, falamos de qual-
quer coisa q/ diz respeito a cada pessoa, falamos
de uma segurança pessoal, uma segurança q/ é,
antes de mais, um conjunto de condições q/ per-
mitem um bem-estar físico. E q/ permitem manter
um bem-estar físico em termos da manutenção
ou preservação da saúde, tal tal definições de S. S.
da O. M. S., mas também em termos de segurança de S. S.
em q/ a pessoa se encontra.

Fundação Guindar o Futuro



Costo de ler um livro muito interessante,
uma francesa acerca do q/ foi a insegurança
individual ao nível físico, das mulheres in-
glesas, na zona em q/ esteve retiro aquele as-
sassinio q/ esteve retiro em 1975-1981. ata-
car 20 mulheres, tendo morto 13, e tendo dei-
xado praticamente inutilizadas as outras,
e a autora deste livro, é uma escritora fran-
cesa radicada em Inglaterra, onde ensina
e exactamente nesse pequeno quadrilátero,
nas fronteiras do quadrilátero onde actua
o assassino de York Shire, e o livro é qual-
quer coisa de angustiante, onde ela tenta con-
prender a sociedade. O homem é um criam-

voso, ~~est~~ e' um doente? Ou e' a expressao (X)
particular de uma sociedade? O livro e' atre-
vado nesse aspecto, porque mostra ela pouco
muitas coisas como interrogações, quem e', im-
ediatamente responde; mas pode deixar de tomar
uma posição, mas sobretudo o q' eu queria
sublinhar aqui e' q' as pessoas tinham o seu
ordenado; as pessoas viviam bem (no caso de
e' uma professora universitária, com uma vida
de família normalíssima, com uma vida
mal-estar físico; o bem estar, sobretudo, a
entrada e saída do super-mercado e ela refere
o q' e'; o receio daquelas mulheres todas a obra,
porque ele começava por dar uma mantelada
aquí atrás, e portanto, era morte instantânea,
nos casos em q' isso teve sucesso, fram 3 (se
se pode falar de sucesso numa operação cost.)
e na verdade podemos dizer quando se refere o
bem-estar físico, apenas quando se fala na ordem
pública, a ordem pública não e' senão um epi-
fenómeno de uma coisa + profunda: q' tem q'
ver com valores e esses valores vão condicionar a se-
quência pessoal. E' sobretudo isto q' eu quero di-
stribuir. Evidentemente q' e' um bem-estar físico, q'
e' um bem-estar psíquico, o qual tem a ver com
a possibilidade de criação de laços, de parcerias,
de comunidades de interesses e afetos e de con-
fiança nas próprias possibilidades. A certeza
de q' essas possibilidades podem ter, na socieda-
de, uma expressão clara; essa sequência, social, e'

Fundação Cuidar o Futuro



de alguma maneira, o elemento integrador (ou a
resposta) de um nível sazonal de satisfação das
necessidades básicas, em q/a pessoa mas em q/a
estar a interogar em qualquer momento, a tem
no dia a seguir, pois para viver. Não tem dúvida,
o lado pessoal de seu bem-estar social, da cons-
ciência, ainda q/ difusa; da consciência quando
mas ainda mais explicitada, de q/a vive me-
na sociedade q/ é motivada pelo seu crime,
e na circulação saudável de inter-ajudas
e na pela competição consciente a todos os níveis,
e quase desde o início.

Essa segurança social, tem em 1.º lugar, uma
certa consciência plantária. A consciência de q/
se vive em paz, com o eco-sistema. Evidentemente
q/ nos países que vivem todos, aqui e
nos outros países, uma sociedade ameaçada, e
q/ podemos fazer as esquemas + perfis (sob o ponto
de vista técnico) de seg. social integrada q/ nos
deixamos de ter, apesar de sobre nós, uma amea-
ça, de fim físico da nossa existência indivi-
dual e coletiva.

É por isso q/ a seg. social tem q/ ver com a posi-
ção q/ tomamos relativamente a várias questões,
nomeadamente aquelas q/ nunca são neutras e que
uma destruição contém em si tecnicamente, a
possibilidade de ser destruídas maneiras da
humanidade.





seg. da Sociedade q/ tem a ver com (XI)

possibilidade de saber q/ nas 'saídas' possí-
veis, e julgo q/ aqui, no contexto português, aqui-
do q/ a batalha linceia diz (com incesso sabor)
"o incesso, é a volúpia da inércia ~~social~~ nacional".
Mas é exactamente isto; quando os portugueses
se encontram e exactamente para se deleitarem nes-
sa volúpia q/ justifica q/ a gente não faz nada,
porque estão todos sem saída. Ora, a 'Seg. Social'
é justamente a afirmação, ainda q/ ao nível do
princípios, das 'saídas' possíveis. E isso leva-nos
a fazer face a esse problema social q/ é a in-
tabilidade, q/ é a mudança nas próprias re-
ferenciais; mas q/ é a mudança de quadros,
de referências politicizadas e q/ é, portanto, o ca-
rácter próprio de toda a mudança social.
quotidiana e q/ ao nível de quadro das nossas
actividades profissionais, devem ser mecanismos
q/ deviam funcionar, como aliás, por defricção
de "mecanismos", automaticamente. Mas pela
pa' isso, esse insegurança social. Quero subli-
nhar "social", para dizer q/ esta expressão impeli-
ca, antes de +, é um "tecido" social rico. É um
tecido social está variado, quanto for possível.
Esse tecido social é possibilitado pelas estru-
turas do Estado, mas não é emanado do Es-
tado. É exactamente o contrário. É o Estado q/ em
cada momento em q/ há modificações sub-
stanciais, deve ser uma emanada da sociedade,

e nos temos um Estado capaz de ser normalizada
de ser normativo, de ser adequada as grandes
questões (q/cad as questões culturais da Seg. Social)
e nos tivemos esse tecido social rico, no qual
assenta a possibilidade de realizações q/ nos fi-
zemos a meio caminho, paralisadas pa aqui-
to q/ meu amigo meu, q/ é sociólogo e q/ foi sub-
-directo da Bureau no domínio das licenças so-
ciais, na carta em q/ pediu a demissão, disse:
"tenho as ideias todas subvertidas pelo ténis-
mo hierárquico. No meu pensamento, q/ quase todas as
sociedades, através dessa instabilidade, desse pro-
visorio, através de uma total pensada de sis-
tema e de valores, está, de facto, condicionada
pa, um constante ténisismo hierárquico.

É evidente q/ não está ao repetir q/ é a coe-
dade e o tecido social, o aspecto + importante,
mas está, de modo nenhum, a negar o papel
de Estado, antes pelo contrário. Mas quero dis-
tinguir a protecção da segurança; a protecção
social é um sistema cujas funções o Estado tem
de definir e assegurar. A segurança é uma
realidade dinâmica, colada à realidade e
sempre como resultado do tal processo da coe-
dade, prático - se a si própria.

Evidentemente, q/ há, assim, uma constante
inter-acção entre as exigências novas da Seg.
Social e a protecção. Podemos dizer q/ no caso
português, a certa altura há uma exigência



hora de Eq. Social (pai, pa ex: fazer pe
a integraçao dos retirados, na sociedade
portuguesa).



Em uma exigência complexa, a sociedade
pode responder adequadamente, a sociedade, e a
olhando, temos q/ fazer a verificação q/ há a
integração dos retirados, como não se verifica
em nenhuma outra eq. metrópole. Portanto, temo
q/ dizer q/ a sociedade portuguesa manifesta uma
capacidade de se moldar, de criar novos processos,
de integrar novos elementos, até aulando resis-
tência e desfero justificado, q/ é em si própria,
a revelação de q/ a sociedade está viva, mas uma
coisa é esta segurança, exigências novas q/ foram
postas a segurança da sociedade no seu todo, e ou-
tra coisa foi a proteção e a proteção já responsabi-
lidade de Estado, através do I.A.R.N. e de todos os mecanis-
mos criados; através do I.A.R.N. e de todos os me-
canismos q/ lhe estiverem ligados. É evidente q/
a necessária proteção, é sempre uma segurança,
ao fazer esta distinção, o que quero dizer, é a
necessária proteção corresponde a uma segurança
castradora. Ora a dependência, e a pensar
q/ o Estado é o pai, enfim, isto não tem muito a
ver com o Freud, levava-os muito longe, há se-
pre, alguns, um pai, ou uma mãe protetor,
q/ consegue resolver as coisas, etc. faz aumentar
o consumo dos serviços de proteção à custa da
iniciativa individual, e é muito interessante
verificar que em tempos de crise, a procura

dos serviços de protecção (e mesmo de protecção social)
é muito maior, porque o mecanismo de segurança
individual se encontra abalado, portanto vai ocorrer
muito + aos serviços; e essa excessiva protecção torna
a população também, (como já se tem chamado)
um conjunto de reformados potenciais. E quando
digo isto, não está, de modo nenhum, a jogar em
as palavras, é de verificar. Ainda agora, no do-
mingo, estive em um grupo de estudantes numa
cidade do país, e alguns d'elles estão a acabar o
curso e estavam a pôr a hipótese (estudantes de
curso médio e de curso superior) de uma tria-
lho de cooperação, nos países de língua portuguesa.

Foi para tentar um aspecto colossal, em parte e re-
os 20 e o 23 anos, a pôr imediatamente a questão:
mas se eu fá para lá 2 anos, isso conta para a
reforma? O que tem a ver com a mentalidade em-
da nossa sociedade em 9/ por um lado, das pre-
cários e especiais, mas em 9/ por outro lado, são pre-
todos reformados potenciais; é claro 9/ somos, ...
é evidente, ... não é? ... Chegamos a uma altura
(a não ser 9/ sejamos todos como o Sr. Izendo Indijas,
9/ aos 86 anos ainda trabalha 10 horas por dia, co-
mo a gente sabe por esse do curso semanal);
mas, de algum modo, pensar aos 20 anos, o 9/
se vai fazer esse funeral da reforma, isto é um ino-
bilismo de sociedade, a partir da base, logo! No mesmo
9/ é muito importante nos tentarmos análises
porque é 9/ isto acontece. Não o vou fazer agora, mas
deixo para a vossa reflexão. Vou-me aproximando

Fundação Cuidar o Futuro



- eu vou chegar à Seg. Social no sentido XVIII
de sistema, mas vai ser só por aproximação. Esta
Seg. Social, q/ poderiamos chamar de expressa so-
ciológica, talvez depois possa expressar mais um
titucional, naquilo que poderemos ainda chamar
uma Seg. Social lato-sensu - quero dizer, uma
área muito vasta, cobrindo toda a gama de activi-
dades que asseguram a satisfação das necessidades
básicas. Expande-se essa Seg. Social, em sentido muito
amplo, como geratriz da promoção das capacida-
des e dos recursos humanos; todos os caminhos so-
tais abertos e é por isso (talvez eu própria deasias de
justificar isto mesmo, quando fiz uma estrutura
do 5.º governo Constitucional, em q/ a área social - a
área de protecção social - incluía não só a saúde,
como a habitação, como a actividade laboral, como
a melhoria qualitativa da vida, como os
transportes e comunicações, quer dizer, é a activi-
dades desta área, nas áreas múltiplas inter-depen-
dências, que pode, com propriedade, ser chamado
sistema de seg. social. E, naturalmente, nesta seg.
social no sentido lato, tem não só interdepen-
cia e articulações destas áreas, como as comu-
nidades de interesses que explicitam os frumos
próprios de realização dos direitos sociais, evi-
dentemente, isto põe a urgência de considerar as
inter-relações. Mas vou dizer a verdade nenhuma
para prof. de Serviço Social, quando a dig q/ a
saúde e a habitação se condicionam mutuamente.
É evidente, não é? ... Do ver esse assentimento de
certa, não preciso explicar mais ...

Fundação Cuidar o Futuro



Que o transporte e qualidade de vida, se condicionam mutuamente... Que o emprego e a habitação, a saúde pública se condicionam mutuamente... Gamos fez estas ligações, podia ter feito outras tantas... Quer dizer, todas estas áreas fundam aquilo que nós chamamos um sistema - nos no sentido de uma organização democrática, mas na realidade social, que é lá a 1.ª que nos interessa dentro desta área. Isto é fundamental, sem o qual nunca nenhuma profecia pode ser adequadamente tratada, e muito menos, resolvida.

Evidentemente q/ tudo isto até esta ditó na Constituição, no capít. do Direitos e Interesses Sociais. São estas áreas todas q/ reato de necessitar q/ são cobertas nesse capítulo. Mas o q/ não tem sido suficientemente elaborado, parece-me, é a intervenção - onde estas os nós destes problemas, e a intervenção quando alguma das pessoas planeia de uma vida política, está naturalmente a dizer q/ é preciso fazer uma política muito mais descentralizada, muito mais por áreas e proparcas, para se encontrar o nó de cada grande questão e por outro lado, a intervenção q/ lhe é imediatamente apiu - quem são os intervenientes nesses nós? Ou quem são os actores dominantes nesses nós, de problemas - e' que isto q/ sejo estas a Eq. Social - no sentido de sistema de Eq. Social como sector específico de acção política, q/ é, por um lado o conjunto legislativo q/ toma' possível um esquema de Eq. Social - e' um conjunto de instituições q/ são sinais visíveis da Eq. Social, sem no entanto, responderem a todas as necessidades



nível do Estado, tendo um papel supletivo rela-
tivamente à organização dos cidadãos e das na-
turalmente, as prestações sociais capazes de desen-
tar os momentos de descontinuidade individual
& colectiva, experimentada (?) ao nível de Eq. com
os múltiplas dimensões que referencie. Portanto,
reduzo a Eq. Social - apesar de neste âmbito de
74 se encontram muito princípios, et... e mita
coisa... q/ ainda hoje subverso, mas q/ considero
adquiridos um grupo de profissionais do S. Social
para reduzir a Eq. Social e seu dispositivo q/ é
ele próprio - tem q/ ser seu dispositivo com uma
nova mobilidade. E deo dizer q/ me preocupa
q/ a preocupação q/ conduzir à criação de um
sistema de Eq. Social descentralizado, portanto, ca-
paz de exprimir estas segurancas q/ aqui aqui,
tenha muito casos, e deo dizer, com toda
a pobreza, porque, como utente, como cidadão,
tenha, um muito casos, sido apenas a desloca-
ção de competência dos serviços centrais para o
nível distrital. Encontrar nível distrital de Eq.
Social como trabalho por trás da secretaria - tenho
um grande ponto de interrogação. Em isso, formuló
a pergunta, q/ será o ponto final do q/ terá
para dizer - q/ relação há entre estes 2 termos -
entre processo de desenvolvimento & Eq. Social? A
Eq. Social é um meio, ou é um fim?
E como se diz q/ é um meio. Inqué? B'um
meio porque limita os recursos humanos,

Fundação CUBAR O Futuro



umenta a solidariedade, porque securiza, e por
isso limita a competição, porque permite a in-
icialmente sem q/ se comam isto ritais, porque as pes-
soas e os grupos podem dar-lhe a si mesmos, as
seus fins próprios.

De isso é evidente "sine qua non" do desen-
volvimento. Mas talvez q/ dizer também q/ enfim,
o desenvolvimento deve assegurar as prestações sociais
relativas às necessidades básicas, porque o desen-
volvimento deve apurar para o problema mais,
e logo, inter-setoriais, onde se alinha a seg. social,
no sentido lato q/ preferi, porque o desenvolvimento deve
criar o clima de segurança, quer no espaço so-
cial, quer também no tempo de vida da fa-
mília, portanto, a garantia de uma segurança; porque
o desenvolvimento deve permitir um sentimento gene-
ralizado de liberdade e de q/ as coisas são possíveis
onde são reais; quando digo possível, é da natu-
ralidade dos processos sociais.

Uma coisa q/ é meio e fim q/ é fim, e na verdade,
mas não decidir de uma vez por todas, e é
meio ou é fim. Recontos q/ é exatamente as condi-
ções, e aqui encontro um exemplo claro do q/
a sociedade a produzir - e a si própria.
Na verdade, as estruturas q/ garantem a seg.
social, a sociedade, necessariamente têm q/ adap-
tar-se, têm q/ criar novos mecanismos - meca-
nismos q/ podem estar potencialmente em algumas
medidas q/ são mecanismos gerados pelas ações ci-
vicas. A sociedade revela um centro



decisão, toma-a, por isso, multiforme, mas
mistra valores escondidos e finaluf por isso
revitaliza o tecido social.



E nós, a olharmos para o q/se passa hoje * 100
sucedo, em particular na Europa, onde há um
grande tradiçã, já há de sistema de seg. social,
agora no sentido muito estrito do termo, veri-
ficamos q/o q/ está a processar-se é a multipli-
cação (o q/ alguns sociólogos chamam - as neo-
lucos minúsculas) em os pequenos grupos de
interesses manifestando a sua identidade ou a
sua responsabilidade de resolverem determinados
problemas, associando-se e procurando, muitas
vezes, como q/ uma cadeia em cadeia, q/ vai,
por em turnos, influenciar as medidas q/ estas a
ser tomadas.

Fundação Cuidar o Futuro

Há na Europa, o jornal La Boix,
francês, repria uma experiência q/ deve de
grande importância q/ é feita a sociedade fran-
cesa e a certos círculos de Sociedade francesa,
há multiplicação do centro de 3.ª idade, sus-
tendo q/ através 1.º tempo tem-se cons-
tado a uma necessidade vital, o abandono a
q/ os idosos estão entregues, se têm tomado
nos últimos tempos e nas sociedades em q/a
prática têm já há alguns anos q/ permitem
essa avaliação. Tem-se tomado como q/ exemplo
de velhos, em q/os velhos são guardados, ainda
q/ tem-se, como na Holanda e os países escan-
dinavos, condições materiais de existência, excec-

